

“A Mistura Clássica”: miscigenação e o apelo do Rio de Janeiro como destino para o turismo sexual

“The Classic Mixture”: miscegenation and the
appeal of Rio de Janeiro as a sexual tourism destination

Thaddeus Gregory Blanchette

Professor Adjunto do Departamento de Antropologia Cultural da UFRJ

Doutor em Antropologia Social pelo PPGAS/Museu Nacional

macunaima30@yahoo.com.br

Ana Paula da Silva

Doutora em Ciências Humanas pelo PPGSA/UFRJ

ana51@uol.com.br

13

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar materiais etnográficos colhidos em pesquisas no bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro, com turistas sexuais autoassumidos e anglofalantes. O objetivo é refletir sobre as razões que esses homens enumeram quando questionados sobre a escolha do Rio de Janeiro para fins de turismo sexual. Argumenta-se que existe uma complexa teia de fatores que influencia a escolha da “Cidade Maravilhosa” para essas práticas que vão muito além da simples “desmoralização da mulher brasileira” e que envolvem uma interseção entre fatores estruturais e ideológicos. Os homens entrevistados na pesquisa destacam a legalidade da prostituição, a existência de um mercado de sexo comercial bem estruturado, preços relativamente baixos para o sexo comercializado e uma série de visões ideológicas sobre o que seria a “brasileira típica”, calcadas em gênero e raça, para explicar sua presença no Rio de Janeiro. Com base nesses dados, utiliza-se o contra-argumento de que o discurso hegemônico e político de uma visão “sexualizada” da mulher brasileira, transmitida em publicações populares e pela EMBRATUR, tem sido um ponto nevrálgico para a propagação do turismo sexual na cidade.

Palavras-chave: Turismo sexual. Rio de Janeiro. Miscigenação. Raça. Gênero.

Abstract

The present article seeks to analyze ethnographic material collected among English-speaking, self-described sexual tourists in the neighborhood of Copacabana in Rio de Janeiro. It is our intention to reflect upon the explanations these men mobilize to explain why they have chosen Rio as a destination for sexual tourism. We argue that there exists a complex web of structural and ideological factors which influence these men when they opt for the “Marvelous City”. Among these, our informants highlight the legality of prostitution, the existence of a well-structured commercial sexual market, relatively low prices and a series of ideological visions regarding “typical Brazilian women” which are based upon notions of race and gender. Basing our analysis on these men's testimonies, we dispute the hegemonic discourse of Brazilian policy-makers that a “sexualized” vision of Brazilian women, transmitted by the mass media and by EMBRATUR, has led to the propagation of sexual tourism in Rio de Janeiro.

Keywords: Sexual tourism. Rio de Janeiro. Miscegenation. Race. Gender.

Atração de Martinica, tem
Uma chica sergipana
Paraguaia da Jamaica, tem
Balalaica peruana
Corcovado em Mar Del Prata, tem
Catarata de banana
Índia canibal, na certa tem
E é a oferta da semana
Somos las muchachas de Copacabana

Las Muchachas de Copacabana – Chico Buarque

Introdução

A publicação da *Pesquisa sobre o Tráfico das Mulheres, Crianças e Adolescentes para Fins de Exploração Sexual Comercial no Brasil* (PESTRAF) abriu novos caminhos para debates sobre o assim chamado turismo sexual e sobre o tráfico das mulheres¹ no Brasil. Sejam quais forem os problemas teórico-metodológicos do estudo, a PESTRAF faz um serviço enorme ao mapear os traços básicos dos agentes brasileiros envolvidos nas articulações entre a prostituição, o turismo sexual e o deslocamento internacional. (CECRIA, 2004). Todavia, um ator tem sido mantido fora das análises apresentadas pela PESTRAF e por outros estudos das ligações entre o sexo e o deslocamento internacional: o homem estrangeiro, o turista sexual. Dele supomos muito, mas sabemos, de fato, pouco. Fora o trabalho pioneiro de Piscitelli (2004), quase não há estudos profundos de seu comportamento em *terras brasilis*.

Nosso trabalho busca situar esse homem como *consumidor*², tentando entender algumas das razões para a sua preferência pelo Brasil e pelas brasileiras, levando em consideração o fato de que, no mercado de sexo

¹ Utilizamos “assim chamado” aqui, pois, como exemplificamos em outro lugar (BLANCHETTE; DASILVA, 2005), as definições dos comportamentos qualificados como *turismo sexual* e *tráfico das mulheres* variam largamente de ator para ator. Assim, a Organização Mundial de Turismo (OMT) apresenta uma; o Governo Federal Brasileiro, outra; as ONGs, várias outras... Não é nosso intuito discutir, aqui, quais dessas são corretas. Para os fins deste artigo, quando nos referimos a *turismo sexual*, queremos dizer, seguindo a OMT, viagens organizadas que utilizam as estruturas e redes da indústria de turismo para os fins principais de facilitar o comércio sexual entre turistas e nativos. Vale a pena salientar que estamos interessados neste estudo somente em turismo sexual masculino e heterossexual.

² Seguindo Canclini (1997), entendemos o *consumidor* como aquele que utiliza um conjunto de processos socioculturais para realizar a apropriação e o uso de produtos. Assim, nos aproveitamos do quadro delineado por Appadurai (1986), em que, nas sociedades chamadas afluentes, uma parte crescente da racionalidade das relações sociais hoje em dia se constrói através da disputa pela apropriação dos meios de distinção simbólica. Aplicando essa ótica ao turismo sexual, entendemos o bem que confere distinção nesse universo – o produto, digamos – como o ato sexual com uma nativa, pessoa construída como *exótica* do ponto de visto do turista sexual.

comercial, o Brasil disputa, com vários outros países, posição de destino para o turismo sexual. É importante salientar que a escolha desse objeto de análise não implica apoiar os comportamentos ou concordar com as opiniões dos turistas sexuais aqui relatadas. Para entender o *turismo sexual*, é imprescindível estar engajado com os valores e as percepções de todos os agentes envolvidos, sendo o *turista sexual* uma figura central nesse universo.

O material aqui apresentado foi levantado em oito meses iniciais de pesquisa etnográfica de campo, no bairro carioca de Copacabana, entre julho e setembro de 2002 e entre fevereiro e junho de 2003. Esse material inicial foi completado com outras viagens ao campo em vários momentos, entre 2004 e 2009, totalizando uns 10 meses adicionais de trabalho de campo³. Os dados foram reforçados pela análise de mais de 2.000 depoimentos escritos por turistas sexuais assumidos, recolhidos na internet, e por 73 entrevistas estruturadas com homens estrangeiros, sexualmente ativos, no Rio de Janeiro, sendo 22 deles turistas sexuais assumidos⁴. É importante salientar que o universo pesquisado aqui corresponde a Copacabana e, mais particularmente, aos homens estrangeiros anglofalantes e às garotas de programa brasileiras, os quais são engajados no comércio sexual no bairro. Portanto, deve-se relativizar a aplicação das conclusões aqui apresentadas a outras áreas e às redes sociais no Brasil. Todavia, os comentários de nossos informantes acerca de *brasileiras*⁵ têm de ser considerados, levando em conta esse cenário: são poucos os turistas sexuais encontrados no Rio que fazem distinção entre os comportamentos sexuais comercializados em Copacabana e demais comportamentos sexuais femininos típicos de outros lugares e de redes sociais no Brasil.

A primeira versão do presente artigo foi escrita em 2004 para uma nova revista sociocientífica editada no Rio de Janeiro. Pouco após ser entregue ao editor e aceito para publicação, a revista faliu e o artigo caiu em uma espécie de limbo editorial. Desde 2004, a nossa pesquisa sobre o turismo sexual, prostituição e tráfico das mulheres no Rio de Janeiro tem avançado bastante.

³ A pesquisa foi feita de acordo com os métodos de participação/observação delineados por Malinowski (1935), contando que um dos pesquisadores é mulher brasileira, negra e jovem e o outro é estrangeiro e branco, de aparência mais velha. Sua presença como casal na orla de Copacabana, área moral entendida como habitada por garotas de programa brasileiras, frequentemente afrodescendentes, e homens, frequentemente estrangeiros, à busca de sexo comercializado (GASPAR, 1984), foi entendida como “típica”, fato que ajudou imensamente na inserção dos pesquisadores nas redes sociais que configuram o *turismo sexual* no bairro. Nenhum dos dois pesquisadores se envolveu sexualmente com informantes no decorrer da pesquisa.

⁴ É importante notar, nesse contexto, que *turista sexual* é, principalmente, uma acusação e não uma categoria émica. Muitos dos homens que entrevistamos não assumem essa categoria por si mesmos, sendo classificados como *turistas sexuais* por outras pessoas. Os homens anglofalantes aqui entrevistados utilizaram outros termos, como *monger*, para indicar que vieram ao Rio em busca do sexo comercializado.

⁵ No texto a seguir, categorias nativas ou émicas – aquelas empregadas por nossos informantes – aparecerão em itálico.

(BLANCHETTE; DASILVA, 2005, 2008, 2009; GRUPO DAVIDA, 2005). Todavia, escolhemos manter o nosso foco original e limitado na presente versão do artigo, pois ainda o consideramos uma resposta adequada – embora um tanto sintética – à escolha do Rio, pelos homens estrangeiros, como destinação para o turismo sexual. Nos cinco anos desde que escrevemos versão original desse texto, pouco mudou no cenário aqui descrito, e essas mudanças foram adequadamente retratadas abaixo.

Por que o Rio? Razões estruturais e ideológicas para o turismo sexual

Ultimamente, especula-se muito sobre o porquê de exatamente o Rio de Janeiro atrair tanto turista sexual. A explicação mais comumente ouvida – e que parece ter conquistado espaço nas políticas públicas da cidade – é que a pobreza relativa de boa parte da população feminina do Rio e sua alteridade biofísica frente às normas europeias combinam para criar uma situação de hiperexploração sexual, em que jovens de cor e pobres são “consumidas”, em troca de dinheiro, por estrangeiros brancos que buscam o “exótico”. Nessa acepção do fenômeno, tal turismo sexual é potencializado por uma mídia em massa que “viola a dignidade humana e expõe o povo brasileiro à situação vexatória⁶”, representando a mulher brasileira como excepcionalmente aberta às relações sexuais alheias.

No presente artigo, buscamos problematizar essa equação, baseando nossa análise em entrevistas com estrangeiros anglofalantes que se autorrotulam como “turistas sexuais”. Esses homens citam fatores econômicos e estruturais que contribuem para sua escolha do Rio de Janeiro como destino para turismo sexual e referenciam o “exotismo” biológico da mulher carioca como grande atrativo. Todavia, suas ideologias acerca da mulher carioca não sustentam a noção de que o universo do turismo sexual no Rio de Janeiro é necessariamente marcado por uma divisão entre “gringos brancos”, de um lado, e “cariocas negras”, de outro. De fato, parece que as noções sobre a “contaminação de sangue”, supostamente fruto da mestiçagem, são extremamente importantes para a potencialização do Brasil – e do Rio de Janeiro, em particular – como destino para o turismo sexual. Finalmente, questionamos a suposição de que cartões postais, guias turísticos e propagandas da EMBRATUR possuem alguma influência significativa na decisão desses homens de virem ao Rio de Janeiro.

⁶ A citação é da EMBRATUR, por ocasião de sua tentativa de censurar o guia turístico “Rio for Partiers”, no início de 2009. (EMBRATUR..., 2009).

Fatores estruturais

Nossa pesquisa indica que existe uma série de fatores estruturais e ideológicos que configura a cidade como um campo de diversões sexuais (para usar as palavras de um dos nossos informantes) aos olhos do estrangeiro do assim chamado primeiro mundo. Os três fatores estruturais mais indicados pelos turistas sexuais são:

- 1) o preço relativamente baixo dos serviços sexuais no Rio;
- 2) a existência de prostituição legalizada no Rio e a percepção da cidade como um lugar razoavelmente seguro para o turismo sexual;
- 3) a estruturação consideravelmente estável, variada e completa do mercado do sexo comercializado na cidade, particularmente a existência de uma ampla variedade de locais de prostituição e de preços cobrados para os serviços sexuais.

Preços baixos

Vários turistas – e não somente os que vêm à cidade em busca do sexo comercializado – têm nos falado que queriam visitar o Rio há muitos anos, mas “agora que é tão barato assim, resolvi aproveitar a situação e vir”. Tais comentários eram particularmente comuns entre 2002 e 2006. Nos anos mais recentes (2007-2010), a desvalorização do dólar frente ao real tem feito com que viajantes americanos reajustem suas opiniões sobre os preços vigentes no Rio de Janeiro. Contudo, na opinião da maioria dos entrevistados, embora visitar o Rio seja uma proposta mais cara do que na “época de ouro dos anos 1990”⁷, o sexo comercializado na cidade continua a ser relativamente barato, especialmente em comparação com os preços nos Estados Unidos e na Europa Ocidental. Nas palavras de um dos informantes (homem branco e americano, de 45 anos de idade):

Os preços têm aumentado no Rio, é claro, e a desvalorização do dólar foi brutal. Porém, o sexo pago nessa cidade permanece melhor do que qualquer coisa que você pode comprar nos EUA, em termos da relação preço-qualidade. Com 100 dólares, nos States, você vai poder comprar sexo rápido com uma viciada em crack num hotel barato e fedorento. Aqui e com a mesma quantia de dinheiro, você

⁷ A expressão “época de ouro” e a situação desta na década de 1990 foi confirmada por seis dos informantes estrangeiros que têm visitado a cidade para o turismo sexual desde a década de 1980.

pode ir para uma termas no centro e ficar por uma hora com uma menina bonita num lugar seguro e higiênico.

Em suma, mesmo com a valorização do real em anos recentes, o Rio continua comercializando serviços sexuais entendidos como sendo de alta qualidade com preços relativamente baixos.

Legalidade e segurança

Embora pareça um contrassenso achar que uma cidade tão violenta quanto o Rio de Janeiro possa ser considerada por alguém como “relativamente segura” para o turismo, isso nos faz lembrar que muitos outros destinos comuns para o turismo sexual – África Ocidental, Tailândia e as Ilhas Filipinas, por exemplo – são percebidos como bem mais vulneráveis aos eventuais ataques terroristas do que o Brasil. Como nos disse um informante inglês (branco, de 32 anos): “O pior que pode acontecer no Rio é você acabar assaltado. Na Ásia, hoje em dia, Deus sabe o que pode acontecer, caso alguns malucos islâmicos resolvam mirar em você”. Desde o início das guerras no Iraque e no Afeganistão, temos notado um aumento no número de soldados e mercenários americanos⁸ que utilizam o Rio como lugar de recreio. Para esses homens, a distância do Rio dos campos de batalha do Oriente Médio e a aparente segurança da cidade frente aos ataques terroristas são particularmente atraentes. De acordo com um membro do exército americano (branco, de 24 anos):

Temos direito a uma dispensa de 15 dias por cada ano de *deployment*⁹ e ganhamos uma passagem, ida e volta, para onde queremos. Geralmente, os caras que têm famílias voltam aos States, mas nós, solteiros... bem, podemos ir para qualquer lugar do mundo. Alguns caras gostam de ir para Tailândia e as Ilhas Filipinas, mas eu acho o Brasil melhor, pois fica bem longe de qualquer população muçulmana. Aqui, dá para esquecer que a guerra está rolando lá no outro lado da terra¹⁰.

Nesse sentido, então, o Rio ocupa – pelo menos parcialmente – o mesmo espaço de Bangcoc na guerra em Vietnã ou Paris na Primeira Guerra

⁸ Ao nos referirmos a “soldados”, queremos dizer membros das forças armadas uniformizadas dos EUA, *i.e.*, o Exército, a Marinha, a Força Área e o Corpo de Fuzileiros Navais. Por “mercenários”, queremos indicar os chamados *civilian contractors* que trabalham para tais companhias de “segurança”, como o ex-Blackwater (atual Xe). Para mais informações sobre Blackwater/Xe e mercenários em geral, ver Scahill (2008).

⁹ Categoria nativa dos soldados que representa um ciclo ativo de combate no Iraque e no Afeganistão, geralmente de seis meses até dois anos de duração.

¹⁰ Ver Batdorff (2007) para mais detalhes sobre o programa de dispensa do exército americano.

Mundial, como cidade recreativa para soldados americanos em dispensa da frente de batalha.

O grande atrativo do Rio para muitos de nossos informantes, porém, é a relativa legalidade da prostituição na cidade. Embora muitos estrangeiros reconheçam que lugares como termas e boates podem ser considerados ilegais (pois ganham dinheiro com a prostituição de terceiros), o sentimento mais generalizado é que a polícia quase nunca tenta fechar o mercado sexual da cidade. Além disso, vários homens reportam sentir um alívio em suas relações com as prostitutas cariocas, pois acreditam que elas não são escravizadas ou abusadas. Nas palavras de um americano branco, de 55 anos, “Eu jamais iria à China, pois lá as mulheres são forçadas a se prostituir. Muitas delas são escravas, vendidas por mafiosos. Aqui no Rio, as mulheres são livres. Gostam do que fazem e podem parar a hora que quiserem”.

A liberdade relativa das prostitutas cariocas como trabalhadoras e seres humanos independentes, então, é valorizada entre os turistas sexuais e serve como mais um atrativo da cidade.

Estruturação do mercado de sexo

A maioria de nossos informantes masculinos estrangeiros diz evitar o que chamam de prostitutas de rua, salientando a existência de lugares relativamente seguros, limpos e controlados, onde podem se encontrar com prostitutas, como uma das razões principais para a sua escolha do Rio de Janeiro como destino visando a tal tipo de turismo. Esse é particularmente o caso daqueles turistas sexuais que têm retornado à cidade após a sua viagem inicial. Termas – as saunas onde os clientes se encontram com as prostitutas, podendo assim alugar cabines para atividades sexuais entre idas ao bar e às saunas – são um dos locais mais citados e preferidos dos informantes. Como um deles falou, “Sou fã das termas, pois lá é seguro e posso relaxar. As mulheres não entram sem o aval da gerência e você pode escolher com quem quer ficar, sem ter medo de que ela vá te roubar. Se não quiser fazer nada, pode simplesmente aproveitar a sauna, beber e olhar as mulheres. Vim ao Rio especificamente por causa das termas”.

A grande variedade de locais que vende sexo na cidade também é um fator atraente. Em particular, muitos dos informantes americanos, que têm visitado o Rio durante anos e que agora estão alarmados com a queda do dólar, apreciam o fato de que existem boates, termas e clubes privês para todos os níveis econômicos. Como adverte um americano negro, de 39 anos, “Quando

primeiro cheguei ao Rio, em 2003, o dólar valia quase quatro reais. Naqueles tempos, eu só ia às termas de luxo. Hoje [2009], com o dólar abaixo de dois reais, eu vou muito às termas baratas do centro. Tem menos mulheres do tipo que gosto, mas sempre acho alguma gostosa e o preço é bem mais em conta. É por isso que continuo vindo p'ra cá: sempre tem algo”.

Fatores ideológicos

Além desses fatores estruturais, existe, porém, uma série de representações ideológicas sobre a mulher brasileira presente em nossos informantes quando discutem o porquê de sua visita ao Rio em busca do sexo. Como afirmamos anteriormente (BLANCHETTE; DASILVA, 2005), essa visão de mulheres e sexo no Rio não é restrita aos turistas sexuais, sendo encontrada em grau maior ou menor nos discursos de quase todos os homens estrangeiros que temos entrevistado na cidade – incluindo até residentes de longo prazo e estrangeiros trabalhando para ONGs que lutam contra o turismo sexual. Essas representações ideológicas também podem ser divididas em três categorias principais:

1) a visão da cidade como “perdedora” – aí incluindo-se também o país como um espaço socioeconômico que não providencia uma vida adequada para o futuro da maioria de seus habitantes, particularmente o das mulheres;

2) a ideia de que as relações sociais expostas na cidade – particularmente as familiares e o papel da mulher na família – são típicas de um outro tempo, correspondendo ao passado dos países de origem dos gringos em questão;

3) a crença de que as brasileiras são dotadas de uma sexualidade “natural” – ou seja, biologicamente induzida – acentuada.

O Rio de Janeiro perdedor

A primeira dessas representações divide o mundo em instâncias “vitoriosas” e “derrotadas”, situando o Rio de Janeiro claramente na segunda categoria como um espaço político e econômico falido. Os adjetivos “corrupto”, “antidemocrático” e “pobre” são frequentemente utilizados por nossos informantes para descrever o Brasil e a cidade em termos econômicos e políticos. Ademais, essas características são sempre associadas a outro conceito: o Rio como espaço não ocidental. Essa caracterização é uma

constante entre os informantes estrangeiros, que, de fato, utilizam não ocidental como sinônimo de pobreza, corrupção e falta de democracia. Tal definição é mantida mesmo naqueles momentos (como no início de 2010) em que escândalos de corrupção ou crises econômicas irrompiam nos EUA ou na Europa Ocidental.

É interessante notar que, embora esse conceito de não ocidental mantenha articulações com suas antigas definições coloniais, a riqueza relativa e as possibilidades de consumo em massa parecem ser os principais motivadores para a categorização de um país como tal. O Japão, por exemplo, foi caracterizado por vários dos informantes gringos como “bem mais ocidental que o Brasil”, já que é visto por eles como país rico, no qual seus consumidores têm acesso, em massa, aos produtos considerados “de ponta” (high tech). Da mesma maneira, quando confrontamos as informações dos entrevistados americanos com os vários escândalos de corrupção que têm brotado em seu país durante a última década (como, por exemplo, a recente tentativa do governador do estado de Illinois de vender a posição de senador de Barack Obama), invariavelmente ouvimos que eles existem, sim, mas que o país não pode ser definido como corrupto, por natureza, pois tal corrupção supostamente não atinge a produtividade da economia americana. Nas palavras de um informante americano, branco, de 25 anos:

Claro que existem corruptos nos States, mas eles não definem o governo americano, como definem o do Brasil. Aqui [no Brasil] a corrupção é tão grande que o governo nem consegue ajudar os pobres, como deve. O Brasil jamais vai ser considerado como ocidental enquanto existir essa massa de gente miserável. É por essa razão que você vê tantas brasileiras morando nos EUA: a vida lá é bem melhor. Só os ultrarricos conseguem ganhar aqui [no Brasil].

Nesse discurso, então, vemos uma clara articulação entre a pobreza, a corrupção e a definição do Rio e do Brasil como não ocidental: a corrupção impede um ataque adequado aos problemas sociais, o que, por sua vez, perpetua a pobreza e a injustiça social. É a existência dessa miséria que, finalmente, impede a definição do Brasil como país ocidental para nossos informantes, gerando assim a ânsia das brasileiras para a migração. É mister notar, nesse contexto, que, em todos nossos anos trabalhando com gringos, nunca encontramos um que qualificasse o Brasil como ocidental.

As mulheres, em particular, e as negras e pobres, especialmente, são entendidas como vítimas desse Brasil perdedor, pois são supostamente as mais

excluídas da economia brasileira. Isso, por sua vez, faz com que elas procurem cultivar namoros com estrangeiros, pois o casamento (ou a simples intenção de casar) é entendido como meio migratório privilegiado. A falência econômica relativa do Brasil é também vista como geradora da prostituição. Segundo um dos informantes, americano branco, de 36 anos de idade:

A brasileira quer um americano, pois nós temos mais status e podemos dar uma vida bem melhor a ela. Existem tantas garotas de programa no Brasil, porque, francamente, o país é um desastre. Os políticos corruptos roubam tudo, não tem emprego, está todo mundo pobre... gente morrendo de fome... Então, a maioria das garotas de programa faz o que faz, pois é isso ou a morte. São mulheres normais que fazem programas porque o Brasil é uma merda.

Nessa acepção do Brasil, então, o país representa um espaço profundamente altero e subordinado em termos políticos e econômicos quando comparado com o ocidente. Tal alteridade cria uma prostituição diferenciada, na qual mulheres “normais” (i.e., as que são consideradas como moralmente aceitáveis) são forçadas a se prostituir. Tal prostituição, por sua vez, é valorizada pelos informantes estrangeiros, pois envolve mulheres que, no ocidente, supostamente se restringiriam a papéis femininos moralmente aceitáveis (universitária, dona de casa, balconista). A cidade do Rio de Janeiro, entre os vários universos brasileiros, é percebida como espaço emblemático desse dilema, como afirmou o mesmo informante americano acima citado: “Vim fazer turismo [sexual] no Rio porque aqui as prostitutas são que nem mulheres normais e, portanto, me tratam mais como namorado e não como cliente”.

A mulher carioca como exemplar do passado

A segunda representação ideológica do Rio de Janeiro, comumente citada por informantes turistas sexuais para explicar sua presença na cidade, é a crença de que as relações de gênero expostas na cidade são “pré-modernas” – a modernidade sexual/afetiva sendo entendida, nessa acepção, como uma espécie de relação marcada por uma falsa igualdade, criada pelo feminismo, em que a mulher conquistou “os direitos do homem” sem assumir os deveres dele.

As palavras de Jon Hertzog, autoridade bastante citada por alguns de nossos informantes e fundador dos websites NoMarriage.com e Singleabroad.com, exemplificam bem essa posição. De acordo com esse escritor e ativista “masculinista”, uma “mulher moderna e ocidental” tipicamente se mantém solteira até a terceira década de sua vida:

“Praticamente a única razão que ela vai buscar um marido é porque ela quer crianças e uma casa bonita e ela não tem dinheiro suficiente, sozinha, para conquistar essas coisas”. (HERTZOG, 2005, p. 4). Além disso, as mulheres modernas e ocidentais, as americanas em particular, “têm expectativas irrealistas sobre o casamento”, pois não percebem que os papéis de mãe e esposa não combinam com a vida mais calma e relaxante que tinham como solteiras. De acordo com Hertzog (2005), o feminismo e a vida moderna têm criado uma “mulher americana moderna que quer todos os benefícios da igualdade sem nenhuma das responsabilidades”:

As mulheres americanas querem os privilégios especiais do sistema [de gênero] antigo (os homens pagam, os homens agem como “cavalheiros”, se comportando com modos e linguagem deferenciais e especiais frente às mulheres, o salário do homem sendo o principal da casa, etc.), mas sem os deveres tradicionais (sendo modesta e agindo feito senhora, sendo dona de casa, etc.).

As mulheres querem as coisas positivas de igualdade (direitos, acesso igual ao trabalho e à educação, etc.) sem as responsabilidades [...].

É neste momento que as outras culturas, que não são tão confusas sobre o gênero quanto a americana, começam a parecer bem atraentes. As mulheres nessas culturas sabem dar e não somente tomar. (HERTZOG, 2005, p. 25).

Hertzog sugere que os homens devem ler “O guia da boa esposa”, publicado por uma revista feminina americana em 1955, para ter uma visão mais adequada do que as mulheres devem fazer para manter um casamento “equilibrado e justo”. De acordo com o autor, o Rio de Janeiro oferece um exemplo particularmente acentuado desse antigo modo feminino de ser. Segundo ele, qualquer homem que passa uma temporada no Rio “jamais vai encarar uma mulher americana com a mesma ótica”, porque as cariocas “vêm de uma cultura conservadora e orientada à família, onde relacionamentos e compromissos são reverenciados. Bem semelhante à cultura que existia nos EUA até 50 anos atrás¹¹”.

O autor americano Jewel Woods, cujo livro *Don't blame it on Rio* examina as motivações dos turistas sexuais afro-americanos que visitam a cidade, também concorda que a mulher carioca representa uma espécie de “mulher do passado” para seus informantes. Referindo-se a Greg, um executivo

¹¹ Entrevista com J. Herzog, realizada em 12 de dezembro de 2006.

americano negro, de 52 anos de idade, Woods afirmou que “para ele, [a carioca] é do jeito que as mulheres negras eram na América”.

O que faz os homens amarem as cariocas é que elas são uma espécie de regressão na escala evolutiva para o tempo em que a mulher negra realmente amava seu homem e o apoiava incondicionalmente, quando um homem negro poderia ter certeza que sua mulher estaria ao seu lado, nos bons tempos e nos ruins, sem o julgar ou perturbar. Era um tempo, para Greg, nos anos 1960 e 1970, quando a mulher sabia tratar seu homem, mas ainda sabia ensinar a nova geração sobre o que era certo e errado. Ele acredita que tudo isto desapareceu na América, mas não no Brasil e, por esta razão, ele se sente mais “em casa” no Rio. (WOODS, 2008, p. 170-171).

Ironicamente, então, muitos dos informantes turistas sexuais dizem escolher o Rio de Janeiro especificamente porque as mulheres cariocas representam uma espécie de *mulher tradicional de família*. Isso pode parecer um contrassenso, já que as mulheres em questão estão se prostituindo, e os turistas, em geral, não procuram relações afetivas duradouras com elas. A percepção do *Brasil perdedor* descrita acima, porém, é chave para desvendar a contradição aparente, pois estipula que *as mulheres normais* são forçadas a se prostituírem por causa da falta de outras oportunidades econômicas. Os informantes masculinos estão completamente de acordo: quanto menos *hard-core*¹² a prostituta, melhor os serviços sexuais vendidos por ela. Um homem americano, branco, de 38 anos, ofereceu um exemplo dessa percepção:

Na primeira vez que vim ao Rio, eu estava no meio de um divórcio. Eu tinha quebrado minha perna alguns meses antes e eu precisava de fisioterapia extensiva, pois meus músculos quase não sustentavam meu peso. Dois dias antes de partir, minha esposa veio a meu apartamento para pegar suas coisas e quando eu estava ajudando com a mudança, minha perna teve uma câibra e caí. Implorei minha esposa para dar uma massagem rápida na batata da minha perna – realmente doía! Mas ela me ignorava e continuava com a mudança enquanto eu jazia lá no chão, gemendo.

Dois dias mais tarde, cheguei ao Rio e fui à boate Help, onde arranjei uma garota. Paguei para ela ficar uma noite

¹² *Hard-core* é um termo nativo utilizado por turistas sexuais para descrever mulheres que se engajam na prostituição de forma exclusiva e profissional e que vendem um sexo “duro e frio”, sem a ilusão de afeto.

comigo e só. Mas quando ela descobriu sobre minha perna, me deu uma massagem, desfez minhas malas e foi ao supermercado para fazer umas compras básicas! E eu lá pensando, “Meu deus! Estou recebendo mais consideração dessa prostituta brasileira do que recebi da mulher com quem compartilhei quase dez anos da minha vida!” As prostitutas cariocas são assim: não são *hard-core*. Agem mais como namoradas.

A mulher carioca é entendida por esses homens como uma espécie de combinação ideal: sexualmente ativa e disponível, mas “tradicionalmente feminina” em seus valores. É mister notar, nesse contexto, que grande parte desses homens, quando caracteriza a carioca dessa maneira, não distingue entre *prostitutas* e as *mulheres normais* (não prostitutas). Todavia, a maioria de seus contatos sexuais-afetivos com mulheres brasileiras é com prostitutas. Nesse sentido, é interessante citar a opinião de uma garota de programa sobre seus clientes gringos – opinião, aliás, que tem sido repetida por várias das informantes prostitutas:

Esses gringos são todos carentes. As mulheres em seus países não dão a mínima bola para eles, pois são frias. É só dar um pouco de carinho para esses caras, que eles ficam todos bobos.

O carinho, dessa forma, longe de ser uma relíquia de um passado pré-feminista, caracterizado pela dedicação feminina ao homem e à família, revela-se nas palavras das garotas de programa cariocas como mais um recurso para a negociação favorável de seus serviços profissionais.

Raça e visões da “brasileira típica”

Embora as razões estruturais e ideológicas acima exploradas sejam, de longe, as mais citadas pelos turistas sexuais para explicarem sua vinda a terras brasilis em busca do sexo comercializado, é importante salientar, como a sexóloga Teodoro (2004) afirma, que uma lógica biologizante e racista (no sentido de atribuir comportamentos morais a determinados tipos físicos) subscreve a noção da mulher brasileira como ser sexual excepcional. Porém, diferentemente da tese sustentada por Teodoro (e apoiada por muitos integrantes dos movimentos feministas e negros no Brasil), descobrimos que essa lógica dificilmente pode ser classificada como uma simples equação bilateral ou reducionista em que brancos dominantes buscam parceiras sexuais negras subordinadas, sustentando sua busca no privilégio de uma epiderme deficiente em melanina.

De fato, os pensamentos dos turistas sexuais acerca da sexualidade brasileira e da sua pretensa articulação com a biodiversidade humana são mais bem analisados através da noção de diversidade criada pela famigerada mistura das raças encontrada no Brasil. Essa diversidade é vista por nossos informantes como manifesta tanto na diferença dos corpos humanos em um dado ambiente social, quanto na suposta herança mestiça, ampliada nos comportamentos culturalmente codificados e no corpo físico de cada mulher brasileira.

Vários turistas sexuais salientam a grande variedade em oferta no mercado de sexo comercializado no Rio de Janeiro como razão para visitarem a cidade. Segundo um americano branco, de 33 anos:

Vir ao Rio é como ir a uma daquelas lojas de sorvete dos mil e um sabores, sabia? Quero dizer, tem a loura, a negra, a mulata, a ruiva, a chinesa, a índia... enfim, qualquer mulher que você possa querer é só procurar, pois vai achar. Então, é muito mais excitante vir para cá do que, digamos, ir para o México ou Cuba, onde vou encontrar uma mistura muito mais restrita das mulheres.

Nesse sentido, a mistura racial do Brasil é entendida como algo que cria uma cornucópia sexual, um verdadeiro arco-íris de corpos femininos à disposição do turista, cada um desses corpos entendido como articulado a um determinado comportamento sexual – um sabor – diferenciado.

Outros turistas salientam a herança mestiça da brasileira típica como produtora de uma sexualidade supostamente exuberante e *sui generis*. Seria fácil enxergar nisso – como Teodoro afirma, aparentemente seguindo Fanon – a manifestação de uma supremacia branca, que projeta no Outro mais escuro seus desejos carnis reprimidos. (FANON, 1967, p. 165). Todavia, nossas pesquisas indicam que é a suposta contaminação implícita na mistura das raças – e não a simples “contaminação por sangue africano” – o fator visto pelos turistas sexuais, especialmente os estadunidenses, como decisivo na produção da sexualidade que eles entendem e valorizam como tipicamente brasileira.

A posição de que a valorização da mulata é uma especificidade do racismo e colonialismo dos brancos é bastante difundida entre ONGs cariocas que tratam das interseções entre raça e gênero, formando uma visão quase hegemônica. Giacomini articula bem essa posição em um artigo editado pelo Centro de Articulação de Populações Marginalizadas (CEAP):

Em estudo sobre os shows de mulatas, realizado no âmbito de pesquisa sobre a mulata profissional, um dos aspectos que mais nos chamaram a atenção foi a recorrente e

inequívoca vinculação de mulata ao tema da sedução do homem branco e a ênfase em sua correlata disponibilidade sexual. De maneira geral, os shows de mulata parecem voltados à atualização daquele que é considerado nosso mito de origem enquanto povo e nação: a mulher não branca, sobretudo a mulata, graças a seus encantos e sensualidade transbordante, seduz o homem branco; cria, assim, zonas de confraternização entre a casa-grande e a senzala, entre brancos e negros.

[...] De fato, o que se celebra é a virilidade do homem branco, robustecida pelos meneios e performances da mulata que sugerem e sinalizam sua fogosa e ativa disponibilidade sexual. Dito em outros termos: constrói-se a imagem de uma mulata sensual e disponível, para em seguida afirmar que a apropriação sexual sobre ela exercida pelo homem branco resulta dos atributos daquela, e não do poder deste. (GIACOMINI, 1995, p. 20).

Dessa maneira, no campo político das ONGs brasileiras que lutam contra o turismo sexual e o tráfico das mulheres, o “consumo” sexual da mulata é situado como “privilégio” do branco. Como a teoria de Giacomini prevê, os turistas sexuais brancos por nós entrevistados geralmente salientam o sangue africano e, às vezes, o indígena, como produtor da suposta natureza sexual “quente” da mulher brasileira. Nesse quadro, porém, as mulheres mais claras, mulatas ou morenas, continuam sendo consideradas quase sempre como mais exóticas ou mais bonitas que as mais escuras ou negras. As celebridades americanas Halle Berry e Beyoncé Knowles – ambas morenas claras, segundo as acepções geralmente aceitas no Brasil – com frequência são citadas como referências ao tipo de feminilidade que o turista sexual branco espera encontrar no Rio. Essa mulher, descrita como mulata, é considerada como extremamente bonita e sexualmente ativa e, por isso, é muitíssimo desejada.

Nos últimos dez anos, porém, houve uma onda crescente de turismo sexual no Rio de Janeiro protagonizada por norte-americanos negros e exemplificada pelo vídeo musical produzido pelo rapper Snoop Dogg (2003), em que mulheres desfilam pela praia de Copacabana com bandeiras brasileiras estampadas em suas bundas. Essa corrente de turismo sexual tem ocupado um espaço significativo nos restaurantes, boates e clubes de Copacabana, chegando a ser quase 12% do total dos turistas sexuais estrangeiros ativos nesses lugares em anos recentes (2008-2010)¹³.

¹³ A média é de 8% nos principais locais de encontro em Copacabana, com uma variação entre 0 e 12%.

Interessante é que vários desses turistas sexuais negros americanos por nós entrevistados também citam Berry e Knowles como exemplos do tipo de beleza que buscam no Brasil. Embora descritas como negras, a maneira com que esses americanos falam das duas e sobre as suas esperanças de encontrarem mulheres semelhantes no Rio deixa claro que esse tipo de beleza negra (seguindo padrões classificatórios americanos) é considerado como “altera” do ponto de vista de muitos desses homens. Assim nos disse um negro americano, de 42 anos:

Lá em casa seria quase impossível um cara como eu namorar uma mulher como Beyoncé, pois mulheres como ela, gatas como ela, geralmente saem com caras ricos e brancos ou bem claros (grifo nosso).

Ademais, se tanto os turistas sexuais negros quanto os brancos entendem a mulata ou a mestiça como a beleza tipicamente brasileira buscada no Rio, a mistura racial também é compreendida por muitos de nossos informantes estrangeiros afrodescendentes como produtora de uma sexualidade feminina “quente” e extremamente ativa. O mesmo informante nos explicou:

Essas brasileiras são do jeito que são [sexualmente ativas] por causa do sangue do branco safado. Olha só: aqui, todas essas mulheres fazem sexo oral, sexo anal... As mulheres negras, verdadeiras, não gostam dessas sacanagens, não. Lá em casa [nos EUA], você não vai encontrar mulheres negras que façam essas coisas, mas aqui todas fazem. Por quê? É por causa do sangue do branco. Aqueles safados – e as mulheres deles também – não poderiam resistir a transar com o negro. O negro não transava com o branco: eram eles que eram tarados por nós. Então é óbvio que toda essa sacanagem daria nisto, em mulheres assim, que têm a beleza da negra, mas que gostam das safadezas que nem as brancas.

Nesse testemunho, encontra-se uma clara reapropriação das teorias racistas dos turistas sexuais brancos acerca da sexualidade brasileira, dessa vez com as categorias “poluidoras” invertidas: é o sangue do branco safado que faz a brasileira típica ser sexualmente excepcional e ativíssima e não o sangue do africano. Essa afirmação, ironicamente, rearticula uma posição bastante semelhante à de Gilberto Freyre em sua obra clássica sobre a raça no Brasil, Casa-Grande e Senzala. A ironia dessa situação vem do fato de que a obra freyriana é popularmente entendida no Brasil como a celebração da lubricidade da mulata, conforme a citação de Giacomini acima revela. No entanto, quando voltamos ao livro inicial de Freyre, descobrimos que ele claramente situava o

colono português como originário da “safadeza” nas relações sexuais inter-raciais no Brasil:

Diz-se geralmente que a negra corrompeu a vida sexual da sociedade brasileira, iniciando precocemente no amor físico os filhos-família. Mas essa corrupção não foi pela negra que se realizou, mas pela escrava [...]

É absurdo responsabilizar-se o negro pelo que não foi obra sua nem do índio, mas do sistema social e econômico em que funcionaram passiva e mecanicamente. Não há escravidão sem depravação sexual. É da essência mesma do regime. (FREYRE, 1994, p. 316).

E ainda:

[...] podemos nos arriscar a concluir que dentro de um regime como o da monocultura escravocrata, com uma maioria que trabalha e uma minoria que só faz mandar, nesta, pelo relativo ócio, se desenvolverá, necessariamente, mais do que naquela, a preocupação, a mania, ou o refinamento erótico.

Nada nos autoriza a concluir ter sido o negro quem trouxe para o Brasil a pegajenta luxúria em que nos sentimos todos prender, mal atingida a adolescência. (FREYRE, 1994, p. 320).

É claro que existem notáveis diferenças entre a visão de Freyre e a desse informante americano, começando com o fato de que o primeiro situa a luxúria brasileira como um artefato socioeconômico e cultural e o segundo acredita que é um fator biológico passado pelo *sangue*¹⁴. Todavia, ambas as posições situam a “culpa” para essa luxúria no colono branco.

Nos discursos de turistas sexuais negros e brancos, as várias raças combinam-se dentro do corpo da mulata e são manifestas através dele, representando o velho ditado de que “não existe pecado abaixo do equador”, ou seja, de que no Brasil todas as combinações sexuais são permitidas. Essas combinações, por sua vez, criam a beleza e o suposto apetite voraz da típica mulher brasileira (sempre entendida como mestiça) e também a grande diversidade dos corpos femininos disponíveis para sexo na cidade. Um informante americano, branco, reuniu essas duas visões da mestiçagem em uma recente história, mandada por ele para um site da internet especializado em orientar turistas sexuais rumo ao Brasil:

¹⁴ Para uma discussão relevante sobre o conceito de *sangue* no pensamento americano, ver *American Kinship*, de David Schneider (1968).

Em minha opinião, e na de muitos outros homens estrangeiros que encontro aqui, as meninas brasileiras são mais bonitas quando elas vêm de uma mistura de heranças étnicas – quanto mais, melhor. A “mistura clássica”, que é famosa no Brasil, é a do português, a do índio e a do negro. Você encontra isto no Rio e no Espírito Santo também. Viajando para o sul, outras heranças europeias são acrescentadas à mistura: espanholas, italianas, holandesas, libanesas, alemãs, [até] confederadas americanas! Tem de tudo. O sul é mais europeu. No interior (Goiás), tem mais influência dos índios e menos dos negros e no Nordeste tem mais influência dos negros e menos dos índios. Essas são generalizações, é claro, e entre as migrações internas que têm ocorrido nos últimos 50 anos e a pura coincidência genética, você encontrará louras de olhos azuis no Amazonas e mulatas de olhos verdes lá no extremo sul. Bom, aproveitam-se todas!

Conclusões

O entendimento do Rio de Janeiro articulado pelos turistas sexuais estrangeiros por nós entrevistados situa a cidade como um parque de diversões sexuais, no qual as mulheres são por natureza bonitas, exóticas e sexualmente ativíssimas e os estrangeiros europeus e norte-americanos são vistos como extremamente atraentes, em função do fato de o Brasil ser um país perdedor e de eles disponibilizarem dinheiro e status. Em face de tal situação, esses homens supõem que, por serem cidadãos do assim chamado primeiro mundo e trabalhadores com salários bem mais altos do que aqueles geralmente encontrados no mercado de trabalho brasileiro, podendo disponibilizar, através do noivado ou do casamento, meios para conseguirem um visto permanente para seus pares, tornam-se, assim, extremamente atraentes para as mulheres brasileiras em geral – sendo elas prostitutas ou não. A classe das mulheres e o prestígio internacional, no sentido atribuído a esse conceito por Weber (1982, p. 188-189), relativo ao Brasil versus seus países de origem, são entendidos por nossos entrevistados como os fatores principais que os situam em uma posição superior à mulher brasileira no mercado sexual – seja comercializado, seja recíproco e matrimonial.

Nas falas dos informantes turistas sexuais, o quadro desenvolve-se com um novo desdobramento. Para eles, a desestruturação econômica brasileira é entendida como aspecto que impulsiona mulheres normais – ou seja, as não prostitutas – e até as meninas tradicionais de família ao mercado

sexual comercializado. Nas palavras de um dos informantes, “Existem tantas garotas de programa no Brasil, porque, francamente, o país é um desastre”.

É importante salientar a natureza ideológica dessas crenças, pois as atribuições de pobre, batalhadora, marginalizada ou até favelada tendem a ser aplicadas por esses turistas às mulheres brasileiras em geral, independentemente da atual situação socioeconômica do indivíduo em pauta. Por mais estranho que pareça, tal crença resulta no fato de que muitos turistas sexuais vêm para o Brasil porque aqui podem encontrar mulheres as quais, apesar de estarem se prostituindo, não agem como putas. Ademais, o Rio – e o Brasil em geral – é entendido, por um número significativo desses homens, como um lugar onde o relacionamento por meio da prostituição pode ser facilmente transformado em um relacionamento de amor. Essa crença é amplamente compartilhada pelas prostitutas por nós entrevistadas. Todas falam que puderam “ganhar mais como namorada do que como garota de programa” e afirmam que os relacionamentos por dinheiro podem acabar em casamento.

Dentro desse quadro, é importante entender que a decisão do turista sexual em vir ao Rio de Janeiro não é capaz de ser reduzida a uma álgebra simplista, pela qual todos esses homens são categorizados como movidos pela supremacia branca, pela pedofilia ou pelo desejo criminoso de recrutarem mulheres para exploração sexual em seus países de origem. Como temos apresentado aqui, a maioria desses homens escolhe o Rio como destino seguindo uma lógica racional que leva em consideração um grande número de fatores – um dos principais é a existência da prostituição legalizada na cidade. Gostar ou não do turismo sexual – achá-lo uma atividade inofensiva ou uma violência aos direitos da mulher e transformar os homens inseridos nessa atividade em caricaturas – não oferece nenhum meio para engajar com o fenômeno de forma produtiva.

Porém, qual é o fator inicial que levou esses homens a pensar que o Rio de Janeiro poderia ser uma boa destinação para suas atividades? Ou seja, como é que eles aprenderam sobre a cidade e as possibilidades de turismo sexual que ela oferece pela primeira vez? Essa é uma pergunta complexa para a qual várias autoridades brasileiras oferecem respostas simplistas e reducionistas. A EMBRATUR é muitas vezes acusada por supostamente ter promovido o turismo sexual nas décadas de 1970 e 1980. A antropóloga Alfonso, por exemplo, acusa a empresa de ter promovido uma imagem turística nacional associada à beleza e à sexualidade feminina. De acordo com a autora, essa imagem e outras (como, por exemplo, os famigerados cartões postais que mostram apenas mulheres de biquínis na praia de Copacabana) teriam potencializado o turismo sexual no país:

O fluxo de turistas que busca o sexo como atrativo poderia ser previsto, pela EMBRATUR ou pelo Trade, desde o início de suas atividades, e minimizado ou evitado no decorrer dos anos. Desde a década de 70, pesquisas já apresentavam dados que, tivessem sido melhor e mais detidamente analisados, antecipariam tal situação. A grande maioria das pesquisas demonstrava que entre os turistas que aportavam no Brasil, o número de homens sozinhos era muito maior que de famílias, e que um dos aspectos preferidos do Brasil era a vida noturna. Há, inclusive, um artigo em revista da EMBRATUR, da década de 70, que mostra o resultado de pesquisa realizada por renomada agência norte-americana, citando o Brasil como um país atraente para “homens ricos”, devido ao alto valor das passagens aéreas. (ALFONSO, 2006, p. 125).

Embora a hipótese de Alfonso não nos pareça completamente descabida, é preciso dizer que ela permanece como hipótese, pois não comprova nenhuma ligação causal entre as imagens veiculadas pela EMBRATUR e um aumento significativo no número de turistas sexuais no Brasil: ela simplesmente afirma que deve existir.

É notável que em oito anos de pesquisa em Copacabana, nenhum informante estrangeiro tem indicado as propagandas da EMBRATUR ou os cartões postais de biquínis como razão para sua viagem ao Rio. A principal motivação, citada por quase todos os informantes, é a propaganda boca a boca, ou seja, tipicamente, o homem pensa em viajar só após ter ouvido uma história positiva por algum amigo ou conhecido. Um segundo fator, amplamente citado pelos informantes, é a pornografia brasileira (ou que envolve brasileiras), que é amplamente conhecida mundo afora. Finalmente, muitos homens têm indicado que entendiam o Brasil como um país tropical, mestiço e sensual (portanto, um destino possível para o turismo sexual), mas que seus principais contatos com essa imagem vieram através de filmes e livros de ficção e até dos documentários da National Geographic Society.

¹⁵ De fato, ninguém sabe quantos turistas sexuais têm vindo ao Brasil, nem se esse fluxo tem aumentado. A afirmação de Alfonso de que a maioria dos turistas que vem ao Brasil é masculina e gosta da vida noturna revela alguma ligação necessária com o turismo sexual e com uma série de preconceitos, pois:

- 1) homens solteiros não são necessariamente turistas sexuais;
- 2) a vida noturna não inclui, necessariamente, a prostituição;
- 3) mulheres e homens homossexuais também praticam o turismo sexual, mas não são alvos das propagandas da EMBRATUR analisadas por Alfonso.

Em suma, não temos dados confiáveis a respeito do número de turistas sexuais no Brasil, portanto, não podemos afirmar que exista um elo entre as propagandas da EMBRATUR e o suposto crescimento do turismo sexual.

Dentro desse contexto, é importante notar que o Brasil tem sido associado ao sexo e à sensualidade quase desde sua descoberta. De acordo com Parker (2009), a sexualização do país não é uma criação da economia de exportação recente, e sim algo tão antigo quanto o país em si:

It seems to be rooted in the very earliest reflections of the European explorers and travelers who first began to map the Brazilian landscape – in their vivid representations of a new world in the tropics... Indeed, it has been central to what we might describe as Brazil's own myths of origin – myths which tell, for better or worse, of the formation of a uniquely sexual people in an exotic land. (PARKER, 2009, p. 9).

Essa citação coaduna com os argumentos expostos neste artigo. Para entender o fenômeno da vinda de estrangeiros para o turismo sexual, não se pode reduzir as motivações dos homens que o praticam a um único fator, mas deve-se olhar para essa questão de forma a abarcar seu contexto histórico, social, econômico e político: não é algo constituído apenas por uma única vertente. Documentar esse fato através das palavras e práticas dos próprios turistas sexuais foi o propósito deste artigo. Nossa intenção foi fazer uma leitura sociológica de tais discursos, retirando-os do conteúdo mais ideológico proferido pelos órgãos de combate ao turismo sexual.

Referências

APPADURAI, Arjun (Org.). *The social life of things: commodities in cultural perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

BATDORFF, Allison. Troops on R&R seeking alternative destinations: while most use time off to visit with family, others are choosing to visit Europe, Australia. *Stars and Stripes*, out. 2007. Disponível em: <<http://www.stripes.com/article.asp?section=104&article=49480>>.

BLANCHETTE, Thaddeus; DASILVA, Ana. *Mulheres vulneráveis e meninas más*. 4º lugar, 1º Prêmio Libertas. Brasília: Ministério da Justiça, 2008.

BLANCHETTE, Thaddeus; DASILVA, Ana. “Nossa Senhora da Help”: sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 25, 2005.

BLANCHETTE, Thaddeus; DASILVA, Ana. *Sexual tourism and social panics: research and intervention in Rio de Janeiro*. *Souls: a critical journal of black politics, culture, and society*, New York, v. 11, n. 2, 2009.

CANCLINI, Néstor. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

CECRIA. *Pesquisa Sobre o Tráfico das Mulheres, Crianças e Adolescentes para Fins de Exploração Sexual Comercial no Brasil*. Brasília: MJ, 2004.

DAVIDSON, Julia. *Prostitution, power and freedom*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1998.

EMBRATUR quer recolher guia que chama cariocas de “máquinas de sexo”. 09 jan. 2009. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Rio/O,,MUL949531-5606,00.html>>.

FANON, Franz. *Black skin, white masks*. New York: Grove Press, 1967.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1994.

GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1984.

GIACOMINI, Sonia. Quando a mulata que não está no mapa ganha o mundo. In: GIACOMINI, Sonia. *Tráfico de mulheres é crime! um sonho, um passaporte, um pesadelo*. Rio de Janeiro: CEAP, 1995.

GRUPO DAVIDA. *Prostitutas, “traficadas” e pânicos morais: uma análise da produção de fatos em pesquisas sobre o “tráfico de seres humanos”*. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 25, 2005.

HERTZOG, J. *No marriage*. Autopublicado, 2005.

MALINOWSKI, B. *Coral gardens and their magic*. London: George Allen and Unwin, 1935.

PISCITELLI, Adriana. *On gringos and natives: gender and sexuality in the context of international sex tourism in Fortaleza, Brazil*. *Vibrant*, v. 1, n. 1, 2004.

SCAHILL, Jeremy. Blackwater: a ascensão do exército mercenário mais poderoso do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCHNEIDER, David. American Kinship: a critical account. New Jersey: Princeton University Press, 1968.

TEODORO, Helena. O turismo sexual e o tráfico das mulheres. In: SEMINÁRIO SOBRE O TRÁFICO DE SERES HUMANOS E EXPLORAÇÃO SEXUAL, Rio de Janeiro, 24 nov. 2004.

WEBER, Max. Ensaios de sociologia. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.